

Experiências da Oficina "Contadores de Histórias": A Contribuição das Narrativas para a Produção de Textos Oraís e Escritos nos Centros Juvenis de Ciência e Cultura - Central (SEC-BA)

Elizabeth Abreu Maluf¹ - CJCC

RESUMO:

O artigo tem como objetivo discutir e analisar as experiências pedagógicas vivenciadas na oficina "Contadores de Histórias", voltada para alunos do ensino médio de escolas estaduais da Bahia e realizada pelo núcleo de Linguagem e Comunicação do Centro Juvenil de Ciência e Cultura, Central (SEC-BA), instituição que fomenta a educação em tempo integral. O trabalho discute a importância da memória, da improvisação e da transposição do texto literário para a "contação" de histórias, apresentando os elos interdisciplinares que a oficina tem com a disciplina de Língua Portuguesa. Indica os principais temas desenvolvidos pelas oficinas, como: "arquetipo do contador de Histórias nas experiências de vida; "a palavra como instrumento de expressão e criação – refletindo a relação do “eu” com o outro”; "imaginação e texto na criação de histórias coletivas"; apropriação oral de textos escritos: memória e imaginário; "diferentes abordagens para o estudo e análise de textos"; e "interpretação e memorização: o contador que conta as palavras do autor". O estudo apresenta as bases do processo de criação através de narrativas de vida, da interpretação e da performance do contador de histórias, expondo, a partir do relato de experiência, as principais metodologias: dinâmicas de grupo e performances utilizadas pelos professores e monitores engajados na oficina. O uso de dinâmicas tem sido um fator agregador e motivador para o aluno participante da atividade, pois o espaço da sala de aula se transforma em um local descontraído e acolhedor, evidenciando que este mesmo espaço é desconstruído, transformado e reconfigurado para motivar a produção de textos orais e escritos.

Palavras-chave: Produção de texto. Contação de História. Centro Juvenil de Ciência e Cultura

ABSTRACT:

This article aims to discuss and analyze the educational experiences lived in the workshop "Storytellers" directed toward high school students from Bahia state schools and held by the nucleus of Language and Communication of the Youth Center of Science and Culture, Central (SEC-BA), an institution that fosters full time education. The paper discusses the importance of memory, improvisation and transposition of literary text for the "storytelling" of stories, presenting interdisciplinary links that the workshop has to discipline portuguese language. Indicates the main themes developed by the workshops, such as "archetypal storyteller life experiences," the word as an instrument of expression and creation - reflecting the relationship of the "I" with another "you," text and imagination in the creation of collective histories "you"; oral appropriation of written texts: memory and imagination;"different approaches to the study and analysis of texts"; and "interpretation and memorization: the counter that counts the words of the author". The study presents the basis of the creation process through life narratives, interpretation and performance of the storyteller, exposing, from the experience report, the main methodologies: group dynamics and performances used by teachers and monitors engaged in workshop. The use of dynamic have been a aggregator and motivating factor for the student participating in the activity, because the space of the classroom turns into a relaxed and welcoming place, showing that this same space is deconstructed, reconfigured and transformed to motivate the production of oral and written texts.

Keywords: Production of text. Story Telling. Centers of Science and Culture

¹ Professora do Núcleo de Linguagem e Comunicação dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura – Central.
E-mail: eambeth@hotmail.com

1. Introdução

Sabemos que a oralidade é responsável por resguardar as tradições de um povo, além de representar uma prática muito utilizada para a perpetuação e transmissão de saberes e culturas. Sendo fundamental para a construção do desenvolvimento humano — afinal, aprendemos a falar antes de ler e escrever —, a oralidade se materializa de várias formas. A contação de histórias é uma dessas formas de expressão das diversas narrativas e se utiliza de vários repertórios para trazer a história oral como um elemento de encantamento, utilizando novos espaços e tecnologias para contar e recontar histórias.

Nos primeiros anos de vida entramos em contato com o universo da contação de histórias através de nossas famílias e também através da escola. Mas, com o passar do tempo, essa mesma escola, pautada em didatismos, deixa de lado essa arte milenar e, à medida que o aluno se distancia da infância, ela privilegia outros códigos que acabam por dificultar o processo de produção de histórias daqueles sujeitos.

Podemos observar que durante as aulas de língua portuguesa, por exemplo, a produção de narrativas orais até acontecem, porém, em muitas situações não é dado espaço para a vazão da criatividade dos estudantes. Alguns fatores interferem nesta prática, como, a quantidade de estudantes nas salas, o nível alto de ruídos, a carga horária limitada das disciplinas — todos esses elementos influenciam para que a escuta de narrativas orais não seja feita com a devida qualidade.

Compreendemos que a contação de história, ao longo do tempo, muito contribuiu para a perpetuação da cultura de um povo, de uma sociedade. Nesse sentido, a escola pode utilizar essa arte milenar como forma de valorizar a própria história de vida dos alunos, não apenas a dos que estão inseridos na Educação Infantil ou nas séries iniciais —, pois quando se fala em contar histórias na escola essa prática é quase sempre remetida ao universo da criança —, mas, também a história dos alunos de diversas faixas etárias, pertencentes a todos os níveis de ensino. Nesse sentido, este artigo discute a contação de histórias no universo escolar a partir de uma experiência com alunos de uma escola pública baiana.

O objetivo deste trabalho é discutir e analisar as experiências pedagógicas vivenciadas na oficina "Contadores de Histórias", voltada para alunos do ensino médio de escolas estaduais da Bahia e realizada pelo núcleo de Linguagem e Comunicação do Centro Juvenil de Ciência e Cultura– Central, instituição da Secretaria de Educação do Estado da Bahia que fomenta a educação em tempo integral. Serão descritas as principais metodologias — as dinâmicas de grupo e performances utilizadas nas aulas — e uma sequência didática.

Na primeira parte do artigo faremos um breve histórico sobre a contação de histórias. Em seguida apresentaremos a oficina "Contadores de história", destacando sua implementação, suas linhas de abordagem, os principais temas nela desenvolvidos e as metodologias utilizadas. Na terceira parte discutiremos sobre a contribuição das narrativas de vida para a produção de histórias orais e escritas a partir da descrição e análise de uma sequência didática do curso a partir de duas atividades que trabalham com a produção de textos orais e escritos, fazendo um recorte da oficina de Contadores de História e apresentando uma sequência didática.

2. Breve Histórico da Contação de História

A arte de contar histórias é muito antiga e tem origens nas culturas ancestrais. Os povos contavam suas histórias para propagar suas experiências naturais e sobrenaturais. A transmissão oral sempre foi importante para as civilizações ágrafas. Vê-se, portanto, a importância da figura do contador de histórias. Estes eram pessoas de grande importância pelo seu poder de alimentar os mitos de uma cultura e por poderem aconselhar e transmitir saberes milenares.

Para muitas civilizações vários nomes foram dados ao contador de histórias: griot, para os africanos, rapsodo para os gregos; bardos para os celtas. O contador tradicional tinha o papel de contar história como forma de manter vivo os costumes de sua época e de sua civilização, para com isso perpetuar a história de seu povo. Segundo Mattos (2006),

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos o que contar. Em assim sendo, narrar dependia de eles colherem os saberes da

experiência, e de produzi-los em objetos (visuais, auditivos, etc.) para serem apresentados a outros. (*apud* MEC,2006,p.85)

Apesar das transformações pelas quais passaram as sociedades, a arte de contar histórias nunca caiu em desuso. As formas e arranjos para contar fatos e “causos” até se modificaram, mas continuam muito presentes. Construímos histórias naturalmente. E, muitas vezes, até utilizamos em nosso cotidiano técnicas para isso, ainda que sem uma certa consciência. Mas contar histórias no século XXI tem sido um grande desafio, porque o envolvimento com o imaginário, na sua fantasia, na sua teatralidade, nos remete a momentos em que o uso das tecnologias muitas vezes nos leva a ver milhares de informações, tanto no universo visual como no universo digital, o que nos distancia da contação de história, isto é, da improvisação, do universo da fantasia.

Entendemos que para estar inteiro na audição de uma história é necessário abrir o universo da escuta efetiva, o que na atualidade apresenta-se de forma fluída, pois num mesmo momento temos que nos voltar para um grande universo de informações, e, muitas vezes, não conseguimos estar focados em apenas ação. Neste contexto, vale destacar o uso das tecnologias da comunicação e informações e a utilização das diversas redes sociais, que nos levam a todo instante à necessidade de nos voltarmos para atender novas demandas da sociedade contemporânea. Diante deste aspecto, as tecnologias podem também auxiliar o contador de histórias, uma vez que poderá utilizar recursos tecnológicos para alimentar a sua prática, como também, usar redes sociais para fomentar a produção de histórias e a divulgação e publicização das ações.

Além da importância de estar aliado às novas tecnologias, outro aspecto que consideramos muito importante para auxiliar a criação das narrativas é a valorização das histórias pessoais ou das histórias de vida interferindo no autoconhecimento dos sujeitos. “Assim como o mito, a lenda e a saga, o conto maravilhoso não é só um relato de um determinado tempo, mas traz na sua própria natureza a possibilidade atemporal de falar da experiência humana como uma aventura que todos os seres” (MACHADO, 2004).

Os sujeitos são marcados, portanto, por suas experiências e saberes. Consideramos que essas vivências e esses saberes natos podem ser muito bem aproveitados, por exemplo, em cursos que exploram técnicas de contação de histórias para alimentar, até mesmo, outras formas de produções textuais e outros tipos de linguagens artísticas.

No próximo tópico descreveremos a experiência de uma Oficina em que a valorização da história de vida e a associação com diversas linguagens artísticas influencia positivamente na produção de textos orais e escritos de alunos de uma escola da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

3. A oficina "Contadores de História" dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura

Os Centros Juvenis de Ciência e Cultura (CJCC)² tem como objetivo promover o acesso dos estudantes às temáticas contemporâneas, mediante estudos e atividades interdisciplinares que potencializam o funcionamento da rede escolar formal (Bahia 2011). Desta forma, são unidades escolares especiais que fazem parte de uma iniciativa de educação integral, que em seu Projeto Político Pedagógico pressupõe uma aprendizagem para a vida, uma aprendizagem significativa e cidadã, que integra os diferentes saberes, espaços educativos, sujeitos e conhecimentos, ampliando a jornada escolar e criando possibilidades em papel de extensão em relação à escola buscando através das propostas de cursos, provocar o interesse de estudantes do ensino médio e mobilizá-los pelo prazer da descoberta.

Os CJCC tem sua matriz curricular organizada por áreas do conhecimento e nestas são ofertados diversos cursos utilizando sempre a inserção da Ciência, Cultura e tecnologia nas suas intervenções, promovendo o acesso dos estudantes ao conhecimento científico, às artes e à cultura. Tem como proposta pedagógica atuar na construção de um espaço diferenciado de aprendizagem em que os jovens possam com as mais variadas áreas de conhecimento refletir sobre as suas vivências dentro e fora da escola de forma prazerosa combinando atividades presenciais com ações e interação multimídia (BAHIA, 2012).

As atividades realizadas nesses Centros são de curta, média e longa duração e as áreas do conhecimento apresentam a seguinte divisão: Núcleo de artes, cultura e práticas corporais; Núcleo ciências da natureza;

²Situado na cidade de Salvador, localiza-se na Praça Carneiro Ribeiro s/n Nazaré, tendo sua primeira unidade criada em 2011(Decreto nº 12.829 de 04 de Maio de 2011), da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e a sua segunda Unidade, situada na cidade de Senhor do Bonfim, localizada no interior do estado, inaugurado em 2014. A partir deste momento utilizaremos a expressão CJCC para referenciar a palavra Centros Juvenis de Ciência e Cultura.

Núcleo humanidades; Núcleo matemática e expressão quantitativa; e Núcleo linguagem e comunicação – espaço a partir do qual foi fomentado este trabalho. Este núcleo tem como objetivo:

[...] utilizar a linguagem e a comunicação como meios de expressão que envolvam o real e o simbólico nas diferentes relações produzindo sentido ao ambiente agregando o universo das mais variadas linguagens contemporâneas: cinema, quadrinhos, dança, entre outras.(BAHIA, 2011,p17)

A oficina de Contadores de História³ foi formulada em 2012, antes das atividades práticas com alunos serem iniciadas, uma vez que o objetivo naquela época era capacitar e formar monitores para ministrar a oficina com os alunos do Ensino Médio da rede de ensino pública estadual.

A oficina é classificada como de longa duração, isto é, tem uma carga horária de trinta horas, sendo três horas a cada encontro e o seu objetivo central é o de abordar em três linhas básicas o processo de criação e interpretação da performance do contador de histórias: a improvisação e a criação de histórias coletivas, a investigação da personalidade individual do contador de história, numa clara investigação da memória, a transposição do texto literário para a “contação” oral da história. Além disso, visa estabelecer elos interdisciplinares com as disciplinas de Língua Portuguesa - através da abordagem do texto oral e escrito - literatura, História e Geografia.

É organizado de forma modular e cada módulo é constituído de uma sequência didática, são assim divididos: Módulo 1- O arquétipo do contador de histórias nas experiências de vida; Módulo 2- A palavra como instrumento de expressão e criação; Módulo 3- Imaginação e texto na criação oral de histórias coletivas; Módulo 4- Apropriação oral de textos escritos: memória e imaginário; Módulo 5- Diferentes abordagens para o estudo e análise de textos; Módulo 6- Interpretação e memorização: o contador que conta com as palavras do autor; Módulo 7- Encenação das histórias; Módulo 8- Elaboração cênica da experiência do curso; Módulo 9- Apresentação pública da elaboração cênica; Módulo 10 - Avaliação participativa.

4. A contribuição das narrativas de vida para a produção de histórias orais e escritas: descrição e análise de uma sequência didática da Oficina Contadores de História

A implantação de uma oficina de Contadores de História para alunos do Ensino Médio da rede estadual da Bahia é uma proposição avançada e que tem objetivado fazer com que esses alunos passem a conhecer-se, ou seja, conhecer suas histórias. Vale a pena frisar que durante o curso os alunos relatam suas experiências, impressões, sentimentos, apreciações, seus conhecimentos e contam suas experiências pessoais relacionadas à temática da aula. Diante dessas questões, podemos dizer que um trabalho da oficina de contador de história no ensino médio desperta o interesse dos alunos para a produção de narrativas de vida e com isso os aproximaria de conteúdos associados ao seu universo. Segundo Maria Isabel da Cunha (1997),

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviezadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a desconstruir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo (CUNHA, 1997, p.1)

Este é um fator muito importante na construção do saber, pois o aluno volta-se para perceber seu ser, sua individualidade, suas fraquezas e suas potencialidades e com isso o processo de melhoria da estima vem sendo agregado a este trabalho. A oficina desenvolve-se priorizando a construção de narrativas através do

³ Curso que foi formulado pela Professora da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, MeranVargens, a qual capacitou os monitores do núcleo de Linguagem e Comunicação.

uso de dinâmicas de grupo que visam o desbloqueio de pontos que interferem na produção de textos orais, como por exemplo: desbloqueio da timidez, da censura na produção textual, entre outros. Para Cunha,

a perspectiva de trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma. O sistema social conscientemente envolve as pessoas numa espiral de ação sem reflexão. Fazemos as coisas porque todos fazem, porque nos disseram que assim é que se age, porque a mídia estimula e os padrões sociais aplaudem. Acabamos agindo sobre o ponto de vista do outro, abrindo mão da nossa própria identidade, da nossa liberdade de ver e agir sobre o mundo, da nossa capacidade de entender e significar por nós mesmos. “Para o educador esta perspectiva é fatal, porque não só ele se torna vítima destes tentáculos, como não consegue estimular seus discípulos a que se definam a si mesmos como indivíduos.” (CUNHA, 1997)

Pode-se dizer, portanto que a produção de narrativas traz como resultado o conhecimento de si, de suas histórias dentro de uma perspectiva crítica de si e da sociedade que está inserido. Portanto, construir narrativas de vida é produzir histórias que norteiam as trajetórias com seus encantos e desencantos, e este conhecimento de si provoca a construção de marcas significativas para o processo de crescimento do ser.

É importante colocar que diversos fatores nos chamam atenção nas oficinas realizadas, entre eles a interferência do espaço físico na postura dos alunos e conseqüentemente na sua produção. Podemos considerar que o ambiente de sala onde acontece a oficina é completamente desconstruído e damos ao espaço físico uma característica completamente diferente da sala de aula convencional. No lugar de carteiras, temos almofadas e pufes as relações se dão de forma igualitária, pois o professor e aluno apresentam-se em um mesmo plano, ou seja, os dois estão sentados no chão. Esse é um fator simples, mas que temos percebido uma grande mudança na postura do aluno.

O nível de confiança dos alunos nos professores/monitores do Núcleo de Linguagem e Comunicação tem sido relevante na construção das narrativas construídas. O processo de confiança e descontração favorece a produção de narrativas de vida, com liberdade e confiança. Antes de iniciar as atividades sempre é aplicada uma dinâmica de relaxamento o que faz com que alunos e professores permaneçam no “aqui e no agora”, isto desconstrói a imagem da sala de aula convencional, espaço onde o barulho e a falta de concentração são uma constante. Desta forma, a imersão nas ações de produção ocorre de forma bastante profunda e centrada.

As experiências na produção de textos, tanto orais quanto escritos tem sido estimuladoras e de certa forma estes tem surgidos de forma espontânea e poderíamos dizer: de forma prazerosa e construtiva, visto que o aluno produz seus textos partindo de suas vivências pessoais. Neste enfoque, citaremos algumas dinâmicas que fazem parte do processo de produção textual.

A primeira dinâmica é baseada na experiência de vivenciar, cada um no seu silêncio, um relaxamento, que o professor conduz o aluno a um universo fictício no qual o participante deve ver e vivenciar o que é narrado pelo professor. Vale colocar que nestes momentos os alunos permanecem deitados, em silêncio, com olhos fechados e ao som de músicas instrumentais. Os alunos relatam este momento como uma forma de relaxamento e que se surpreendem com o fato de em um espaço de sala de aula poderem vivenciar uma aula diferente das que estão acostumados. Ainda dizem que ao voltar para a escola é como se retornassem para a realidade, afirmam que essa atividade equilibra os pensamentos, os relaxa, os tranquiliza. O que tem sido importante nas nossas observações é o nível de concentração dos alunos para as atividades, como se pode perceber nesses depoimentos:

[...] Eu antes não conseguia me concentrar em nada, dava risos sem motivos e nessa aula aprendi a me concentrar, ouvir as pessoas e a relaxar⁴

Eu aprendi nessa aula a me expressar, relaxar, escutar e me concentrar bastante.⁵

Quando relaxo esqueço tudo que me sobrecarrega e só penso em coisas boas[...] Por exemplo, eu melhorei muito a minha leitura e concentração⁶.

Aprendi a ouvir os outros, expressar minhas opiniões, não ter medo de falar...⁷

⁴ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

⁵ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

⁶ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

⁷ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

A produção de textos orais e interpretações têm sido incentivadas em todos os momentos das atividades e nestas orientamos os alunos no que cerne à importância e à especificidade do texto oral na contemporaneidade, a fim de propiciar aos estudantes familiarizar-se com o falar e expor oralmente suas ideias. No que diz respeito à relação entre o relaxamento e o curso de Contadores de História os alunos dizem que é importante este momento para facilitar a concentração e que com isso favorece a criatividade, deixando que a imaginação flua no momento das construções das narrativas, como se pode observar:

Esse momento é muito bom porque você pensa em coisas boas e é muito diferente, te faz viajar na sua imaginação⁸

Um descanso imenso e uma imaginação muito fértil⁹

É importante porque alivia a mente. É importante para o aluno, pois se concentra e relaxa todo o estresse e pressão que ele esteja passando. E isso é bom para o curso de contador de história.¹⁰

Diante das falas dos alunos fica claro a importância que eles dão à necessidade da concentração para a imersão no universo da produção de textos orais e escritos. Portanto, para iniciar as atividades de produção de texto escrito seguimos esta sequência didática: realizamos o relaxamento levando o aluno a visualizar sua imagem e logo após solicitamos que de frente para o espelho ele desenhasse seu rosto. Este momento teve como objetivo que o aluno visualizasse sua imagem e olhasse para si, ou seja, foi proposta a produção de um texto imagético. A atividade foi realizada com sucesso, no início acharam-na impossível de ser realizada, porém mostramos a nossa imagem produzida por nós e a partir deste momento foram iniciando a produção de seus textos imagéticos. Esta atividade foi alimentadora para a produção do texto escrito sobre si, contar sua história, suas potencialidades, suas fraquezas. A produção do texto escrito foi livre, apenas foi dado o comando quanto ao tema, como se pode observar no texto em que um estudante se autodefine:

Sou confusão, sou tempestade, sou mansa e ao mesmo tempo selvagem, sou nerd e ao mesmo tempo metida, tem dias que sou Diva e tem dias que sou apenas uma garota, tem dias que quero que o mundo gire em torno de mim e tem dias que tudo que eu mais queria era estar fazendo uma das coisas que eu mais gosto, cavalgando fazenda adentro, até chegar ao pé de Eugênia, onde posso alimentar meu cavalo e ler um livro em companhia da paz do campo, tem dias que estou apaixonada e outros dias me torno uma caçadora de Artemis, tem dias que sonho com fortunas e outros uma vida mais simples, tem dias que eu morro de saudades do passado, mas ao mesmo tempo quero conhecer o futuro, eu sou uma mistura de personagens de histórias contadas, a cada livro me torno diferente, eu me completo mais e muitas vezes retorno ao ponto de partida por indecisão

Quem sou eu...Nem sei quem sou
Apenas uma pessoa à procura de alguma coisa.
Insegura, porém não imatura, tenho desejos e sonhos como qualquer criança, até porque nunca devemos perder as esperanças.
Sou feliz e sorridente, porém pouco inocente.
Forte como uma barragem e também cheia de curiosidade...
Amiga pra quando precisar. Pode não ser agora, mas quando quiser podem contar.
Sensível sou sim, mas gosto de ter algo marcante para que nunca esqueçam de mim!¹¹

Percebemos que o processo de produção textual acontece de forma que o aluno pode navegar em seu universo da imaginação e que a partir de sua história pode trazer outras histórias para o seu processo de construção. Enquanto escreviam seus textos eram convidados, um por vez, a serem desenhados por um professor e artista plástico do Núcleo de Arte e Práticas Corporais¹². A atividade foi feita de forma natural e

⁸ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

⁹ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

¹⁰ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina Contadores de História.

¹¹ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina de Contadores de História.

¹² O Professor e Artista Plástico Ives José Cardoso Quaglia professor do Núcleo de artes, cultura e práticas corporais do CJCC.

descontraída, sem quebrar o processo de construção textual. Ao final da aula os textos foram colocados justapostos aos desenhos e expostos. Houve uma grande movimentação na sala, pois parte dos alunos fotografou sua produção e postou em alguma rede social, e o Núcleo pode postar também essas atividades na rede social do Centro o que mostra que a escola deve estar aberta a utilizar as redes sociais como instrumento no processo de ensino aprendizagem. Nesta etapa outras produções textuais escritas foram realizadas, o comando inicial foi a partir de dez palavras que os caracterizasse e que construíssem um texto. Obtivemos resultados bem diferentes da produção textual que antecedeu este momento. Observemos o texto elaborado a partir das dez palavras.

Era uma vez uma princesa, filha do maior Rei de todos, conhecido como o Poderoso Deus, há 16 anos pela conta dos humanos, ela deixou o seu lar para se aventurar em uma jornada aqui na terra, [...] apesar de seu jeito **amigável**, ela é uma garota totalmente **determinada** e muitas vezes, chega a ser **impaciente**, [...] ela é muito **extrovertida**, mesmo sendo *nerd* algumas vezes, é inteligente [...]¹³

Compreendemos que muito ainda deverá ser realizado, mas tomamos sempre como ponto de partida e sucesso para a produção textual, aqui sendo tratado o texto oral e escrito, o desejo e a descontração no momento da produção. Escrever sempre foi uma ação que demandava do aluno uma carga de tensão muito grande. Com a prática da oficina de contadores de história temos vivenciado uma produção textual surgida de forma espontânea com muitos elementos de coerência e ainda com algumas dificuldades de coesão, mas isso tem sido mediado no momento das construções, tanto pelos monitores quanto pelo professor.

Considerações Finais

A experiência do curso de Contadores de História nos Centros Juvenis é uma proposição desafiadora à medida que o curso traz no seu processo de construção uma visão de aluno inserido no processo de construção de seu texto produzindo suas histórias a partir de uma análise de si. Além disso, o curso traz à tona as necessidades dos adolescentes e das unidades escolares em trabalhar as habilidades sócio emocionais, visto que estas interferem de forma substancial no processo de ensino aprendizagem e da estima do aluno.

O espaço físico diferenciado da sala onde acontece a Oficina, sua estrutura, organização e planejamento apresenta-se como um fator agregador das ações do Núcleo e também como facilitador para a produção de textos orais e escritos, produção essa que surge de forma livre e sem as resistências históricas de que escrever é algo difícil e não prazeroso, preconceito que o próprio aluno traz na sua trajetória acadêmica.

Um elemento bastante importante para a análise é o desejo do aluno em estar na sala demonstrando interesse e nos faz relacionar com o próprio propósito dos CJCC, que é a inscrição nas oficinas acontecerem por iniciativa pessoal do aluno e isto se relaciona a questões voltadas para alcançar objetivos de cunho estritamente pessoais.

Outra consideração a ser feita é da necessidade de se produzir uma análise comparativa de resultados dos impactos da Oficina Contadores de História nos resultados dos alunos nas suas Unidades de Ensino Regular. Essa análise deve servir para retroalimentar as ações da Oficina. É importante pontuar que tais análises ainda não foram elaboradas, porque só temos um ano de ações efetivas e algumas turmas são as primeiras e temos cursos em fase de conclusão.

Diante das pontuações feitas neste trabalho, no que se refere à metodologia utilizada na Oficina de Contadores de História ser uma facilitadora para a produção das narrativas orais e escritas, como também uma forma dos alunos quebrarem resistências à sua produção textual, neste sentido, resta-nos, pois, investir em pesquisas, as quais vão pontuar as vantagens da Oficina de Contadores de História e o seu impactado no processo de produção textual do aluno na sua trajetória acadêmica.

¹³ Depoimento de uma aluna do Ensino Médio participante da Oficina de Contadores de História.

Referências Bibliográficas

- BRASIL.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais; ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BAHIA.** Projeto Político Pedagógico dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura. DECRETO Nº 12.829 de 4 de maio de 2011 Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2011.
- BAHIA.** Documento Base de implementação dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura. Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2011.
- BAHIA,** Secretaria de Educação do Estado da Bahia – Centros Juvenis de Ciência e Cultura. Projeto Político Pedagógico 2012
- BUSATTO. C. **Contar e Encantar** – Pequenos segredos da narrativa. 8ª Edição. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2013.
- BUSATTO C. **A arte de contar histórias no século XXI- Tradição e ciberespaço.** 3ª Edição. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2006.
- ESTÉS, C.P. **O dom da História.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CUNHA, M.I. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997
- FAVERO, L.L. **Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** Editora Cortez. 7ª ed. São Paulo. 2009
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Tradução Pedro Maia Soares. Companhia das Letras. São Paulo. 1997.
- MACHADO, R. S. B. **Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.
- MENDONÇA, R. H.; CARVALHO, M. A. F. **Práticas de Leitura e Escrita.** Secretaria de educação à distância. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- RAMOS, A.C. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Londrina, 2011.